

---

## **A TECNOLOGIA E A ESCOLA: CONFLITOS E TENDÊNCIAS**

---

**LUIZ ANTONIO GOMES SENNA**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Rio de Janeiro - Brasil

**ANDREA DE FARIAS CASTRO**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e SME-Rio

Rio de Janeiro - Brasil

**VERA LUCIA COSTA \*\***

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Comando da Aeronáutica

Rio de Janeiro - Brasil

Quando do surgimento da televisão em meados do século passado, as pessoas de formação mais intelectualizada do mundo inteiro não lhe pouparam críticas, sob o pretexto de a ela atribuírem a responsabilidade por um processo de aparente banalização da cultura e de conhecimento. Os pais mais zelosos não permitiam que suas famílias assistissem telenovelas, ditas bobagens de ínfimo valor cultural e causadoras de efeitos mediocrizantes sobre o povo, ao qual se deveria fornecer cultura mais consistente e edificante. Ao povo, pouco importou o preconceito e não tardou para que a televisão se instalasse mundialmente como padrão de informação e formação cultural. A resistência da escola contra a TV foi ainda maior e não se daria mesmo o contrário, dada sua estreita relação com a perpetuação dos valores sobre os quais se sustentava o preconceito social contra a cultura do cotidiano – a escola, tal como ainda a compreendemos, é o espaço do mundo da escrita, no qual a imagem e o som cotidianos são coisas do povo.

O contexto acima descrito envolve, também, a situação da informática na Educação regular. Neste caso, porém, são outras as condições para a imposição de regras normatizantes, à luz do preconceito contra o cotidiano e da tentativa de redução da informática ao modelo cultural edificante da tradição escolar. Este trabalho discute algumas destas condições específicas, a partir da análise dos

fatores que aproximam e diferenciam a televisão e os recursos da informática como ambientes de expressão do pensamento cotidiano do povo, bem como das circunstâncias envolvidas em sua absorção pelo sistema escolar.

A questão central na discussão de mídias pós-escritas, como a televisão e a informática, não está propriamente na forma de veiculação da informação, mas sim, no modelo de organização e distribuição do conteúdo informado, cujas propriedades estão, por sua vez, relacionadas ao modo de estruturação do pensamento. A existência de modos distintos de organização do pensamento, respectivamente associados à escrita convencional e às formas gráficas da era pós-moderna é exatamente o que explica o preconceito que, no passado, justificaria tomar-se da televisão como um veículo de empobrecimento cultural do povo. Por outro lado, também explica o seu forte apelo público e, sobretudo, sua rápida absorção por todas as camadas sociais, de forma indistinta.

Com a televisão, inaugura-se uma nova percepção do mundo, lida a partir de sua fisionomia cotidiana e plural, permitindo que as manifestações orais do povo – até então lidas somente a partir da ótica da cultura escrita – pudessem traduzir-se por si mesmas. A expressão cotidiana dos povos traria à tona uma infinidade de possibilidades de significação e de sentidos existenciais, que contribuiriam para reinventar o sentido de “verdade”, à medida que a pluralidade do cotidiano clamava por legitimidade. A consequência imediata disto recairia diretamente sobre o conceito público acerca do que se poderia conceber como conhecimento, já que, para além do conhecimento acadêmico consagrado na história e no ambiente escolar, constatava-se na própria realidade de mundo tantas outras possibilidades de conhecer e de vir a conhecer. Fundava-se, então, uma nova era do conhecimento, buscado e construído no cotidiano, a partir do que se pudesse capturar do mundo, fosse vivido ou capturado pela lente da televisão.

A consciência social acerca da pluralidade do conhecimento, advinda da televisão, provocou uma nova consciência acerca dos processos mentais que lidam com o cotidiano como fonte de saber. A escola ainda resiste a ela, não mais por julgá-la instrumento perigoso capaz de empobrecer a cultura do povo, mas por ainda não legitimar um processo de construção de conhecimentos à forma do cotidiano do mundo. As tentativas de formatar a televisão segundo o modo escolar de construção de conhecimentos foram todas vãs, pois que reduzir-lhe a carga de cotidiano significa destruí-la. O povo não aceita uma TV com cara de escola.

O Quadro 1 confronta algumas características do modelo escolar de conhecimento a características do sistema de expressão via televisão, a fim de que se observe haver considerável antagonismo entre os princípios subjacentes a cada um. Acima de tudo, observa-se que a televisão deposita nos seus leitores uma confiança na possibilidade de que estes se sirvam do produto por ela

veiculado como fonte de conhecimento, segundo o aproveitamento que cada um, individualmente, possa ou queira ter. Na escola, ao contrário, o leitor do conhecimento é tutelado por convicções e valores que determinam um único modo de construção e aproveitamento do conhecimento.

Quadro 1: Conhecimento escolar e o conhecimento expresso na televisão

Conhecimento Escolar	Conhecimento Expresso na Televisão
<ul style="list-style-type: none"><li>• Sistemático e seqüencial</li></ul> O conhecimento escolar é distribuído em uma seqüência gradual e irreversível, planejada segundo uma percepção estritamente escolar relacionada a certos níveis de dificuldade	<ul style="list-style-type: none"><li>• Assistemático e narrativo</li></ul> A conhecimento veiculado na televisão se apresenta conforme demanda ou oportunidade, de forma incidental, obedecendo tão somente a sua própria coerência narrativa
<ul style="list-style-type: none"><li>• Atemporal</li></ul> O conhecimento escolar tende a atemporalidade, pois é baseado em uma percepção teórico-acadêmica do mundo	<ul style="list-style-type: none"><li>• Temporal</li></ul> O conhecimento na televisão é datado e reconhecido como parte do mundo concreto ou da existência objetiva do homem
<ul style="list-style-type: none"><li>• Normatizante</li></ul> O conhecimento escolar não admite múltiplas concepções de um mesmo objeto, pois que não reconhece a pluralidade como possibilidade interveniente sobre o conceito de verdade	<ul style="list-style-type: none"><li>• Modelizante</li></ul> Na televisão, a norma (de conduta ou de saber) é modelar e transitória, de modo que sua contestação ou transformação é tomada como condição natural; por ser modelar, a norma não é imposta ou determinada e sim, sugerida

Os recursos de informática têm um percurso um pouco diferente da televisão, mas não tardaram a se transformar em mais um fator legitimizante dos processos cotidianos de construção de conhecimentos. Após alguns anos em que esteve restrita às mãos de um grupo limitado de acadêmicos e engenheiros, a informática disseminou-se pelo mundo, através do desenvolvimento de ferramentas de interação que permitiram ao usuário alheio às leis lógico-matemáticas manipular a máquina segundo suas necessidades. Os primeiros contactos do povo com a informática sugeriram a possibilidade de que o aprendizado da interação com a máquina pudesse se dar à semelhança do modo de ensino-aprendizagem escolar. Assim também o pensaram os técnicos, formados pela academia, que prontamente organizaram cursos de informática, cujo currículo incluía desde noções sobre a engenharia estrutural da máquina, até linguagens de programação. Com o passar do tempo, dado o aprimoramento das ferramentas de interação com a máquina – tais como plataformas Windows ou Linux –, mostrou-se inútil para o usuário saber amiúde do que se passava dentro do computador e os cursos passaram a enfatizar o treinamento no uso dos softwares. Todavia... as ferramentas de interação com o usuário também

estão presentes em todos os softwares e qualquer um podia aprender a usá-lo sem o auxílio de ninguém.

Livres para aprender, os usuários chegaram e trouxeram a sua experiência cotidiana para aprenderem a usar a máquina por conta própria. Na sua relação com o computador, o usuário não distingue o fácil do difícil, o que vem primeiro do que deve vir depois, ou o certo do errado. Entre ele e a máquina há apenas seus projetos individuais, diretamente ligados à necessidade de incorporar as facilidades da informática ao seu próprio contexto de vida. Não há jovem na face da terra que após um mês de contacto com o computador não tenha sido capaz de incorporá-lo à sua vida.

A informática pôs à prova a capacidade de se construírem conhecimentos sem qualquer sistematicidade e em direta consonância com a solução de problemas imediatamente ligados à vida de cada um, totalmente datados e temporais, portanto. Paralelamente, a interação com a máquina, apesar de regida por regras impostas pelo sistema computacional e pelas ferramentas determinadas pelos vários softwares, concede autonomia a cada um para eleger o caminho como conduzir cada ação a realizar, deste modo legitimando o direito à diversidade individual.

Todavia, mais versátil do que a televisão, a informática pôde ser mais facilmente capturada pela escola, que passou a utilizá-la como um auxílio didático, algo como uma máquina de instrução programada computacional. Encheram-se as escolas de laboratórios de informática e softwares educacionais. Os alunos, porém, odiaram...

A informática não tem o menor significado para ninguém quando retirada do contexto cotidiano, assim como a televisão. Sua maior virtude é justamente a de oferecer ao usuário uma ferramenta de trabalho com o seu cotidiano, repleto de significados pessoais. Por esta razão, não cede à escola e a ela não se reduz.

O significado da informática e da televisão deve ser tomado pela escola, não como o de ferramentas a serem apropriada pelas formas convencionais de ensino acadêmico, mas sim, como uma nova tecnologia de pensamento, organizada e operada pelo cotidiano. Os processos educacionais como um todo, no âmbito escolar, devem se abrir à possibilidade de uma nova concepção dos processos de ensino-aprendizagem, marcadamente caracterizada pela assistemática e pela vinculação a um contexto real de significação para o aluno.